

A ESCOLA É UM LUGAR SEGURO? PREVALÊNCIA DE *BULLYING* EM UMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO PÚBLICO DE SOROCABA

IS SCHOOL A SAFE PLACE? PREVALENCE OF *BULLYING* IN A SAMPLE OF PUBLIC SCHOOL STUDENTS OF SOROCABA

Inês Maria Crespo Gutierrez Pardo¹, Sílvia Sales Souza², Natália Canhoto Barbosa de Lima², Sandra Regina Dantas Nascimento¹, Valéria Cristina Ramos Santucci¹, José Eduardo Martinez¹

RESUMO, INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O *bullying* é uma forma de violência entre iguais frequente entre os estudantes adolescentes, provocando graves prejuízos físicos e psicológicos. O objetivo deste estudo é identificar a prevalência e fatores associados ao *bullying* em adolescentes do ensino médio público. Material e métodos: estudo tipo transversal, com 47 adolescentes de ambos os sexos, idades entre 14 e 17 anos, matriculados em escola pública de ensino médio. Os adolescentes responderam um questionário padronizado para avaliar as características comportamentais das vítimas, agressores e testemunhas de *bullying*. O tipo de vitimização foi classificado em verbal e físico. Estudo aprovado pelo comitê de Ética, com assinatura do termo de consentimento pelos responsáveis e alunos. Resultados: participaram do estudo 47 adolescentes com idade média de $15,6 \pm 0,9$ anos. A média de idade das meninas foi de $15,5 \pm 0,7$ e dos meninos de $15,6 \pm 0,9$ anos ($p > 0,05$). Aproximadamente 13% dos entrevistados referiram já terem sido vítimas de *bullying* verbal, sem diferença entre os sexos. Cerca de 28% do total relataram já terem presenciado alguma forma de agressão verbal na escola. Com relação aos agressores, 19,1% dos entrevistados referiram já terem sido autores de *bullying* verbal, sendo na totalidade do sexo masculino. A totalidade dos agressores referiu que não houve qualquer tipo de penalidade pelo ato de *bullying*. Conclusão: aproximadamente dois em cada dez adolescentes relataram agredir de forma verbal seus colegas de classe, enquanto cerca de 28% dos entrevistados referiram que em algum momento já foram testemunhas de *bullying* na escola. Descritores: bullying, violência, instituições acadêmicas, estudantes, adolescente.

ABSTRACT, INTRODUCTION AND PURPOSE

Bullying is a frequent form of violence among adolescent students, leading to serious physical and psychological damages. This study's objective is to identify the prevalence and factors associated with bullying among adolescents in public high schools. Methods: This is an observational, transversal study, with the participation of 47 14 - to 17-year old male and female adolescents from a public high school. Subjects answered a standardized questionnaire to assess the behavioral characteristics of victims, perpetrators and witnesses of bullying. Victimization was classified as either verbal or physical. This study was authorized by the local Ethics Committee, and both parents and adolescents signed a consent form. Results: 47 adolescents with an average age of $15,6 \pm 0,9$ years old participated in the study. The average age of girls was $15,5 \pm 0,7$ and boys $15,6 \pm 0,9$ years ($p > 0,05$). Approximately 13% of respondents reported having been verbally bullied, with no difference between genders. About 28% of the total reported having witnessed some form of verbal abuse at school. With regard to offenders, 19.1% of

respondents, all of the male, reported having been verbal bullies. All of the attackers said that there was no penalty for their act of bullying. Conclusion: two in every ten adolescents reported having verbally bullied someone at high school, whereas about 28% of respondents reported at some point having been witnesses of physical or psychological bullying at school.

Key-words: bullying, violence, schools, students, adolescent.

INTRODUÇÃO

Bullying é um termo em inglês já bastante difundido que representa uma forma de violência entre iguais, ocorrendo quando um indivíduo é exposto repetidamente a ações negativas por parte de uma ou mais pessoas.¹ Essas ações negativas podem ser classificadas em *bullying* direto, representado por agressões físicas, roubo ou dano de pertences, apelidos, gestos ofensivos e agressões verbais; ou *bullying* indireto, perpetrado geralmente quando a vítima não está presente, como espalhar rumores pejorativos, excluir socialmente e adotar atitudes de indiferença.²

Esta forma de violência é frequente entre adolescentes, especialmente quando nos referimos ao ambiente escolar. Segundo Lopes Neto,³ a violência nas escolas é um problema social grave e complexo e provavelmente o tipo mais frequente e visível de violência juvenil. Por este motivo, o *bullying* entre estudantes tem sido alvo de estudos acadêmicos nos últimos anos.

No ambiente escolar, o *bullying* direto é mais frequente entre meninos, enquanto o indireto se faz mais presente entre o sexo feminino.⁴ De acordo com estudos, a maior parte dos alunos não concorda e nem pratica diretamente atos de *bullying*, mas também não costuma defender as vítimas ou denunciar os agressores.⁵⁻⁶ Essa atmosfera de silêncio aumenta a opressão por parte dos agressores, ajudando a acobertar seus atos e criando uma falsa impressão de tranquilidade diante de adultos e responsáveis. Alunos também tendem a acreditar que adotar comportamentos como esse ajuda a torná-los populares, o que contribui mais ainda com a prevalência do *bullying*.³

Torna-se necessário adotar medidas que previnam a ocorrência e reduzam o impacto do *bullying* sobre a vida dos adolescentes, evitando, assim, efeitos potencialmente graves em longo prazo. Um acompanhamento especial precisa ser feito tanto em relação às vítimas quanto aos agressores, já que estes também podem sofrer consequências nefastas do seu comportamento,

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 14, n. 3, p. 100-104, 2012

1. Professor (a) do Depto. de Medicina - FCMS/PUC-SP

2. Acadêmica do curso de Medicina - FCMS/PUC-SP

Recebido em 19/3/2012. Aceito para publicação em 15/5/2012.

Contato: doctorpardo@hotmail.com

como exclusão social, envolvimento com a criminalidade, uso de substâncias, como álcool e drogas ilícitas, e dificuldade de estabelecer relacionamentos.⁷ As chances de sucesso em projetos de intervenção em escolas aumentam com um diagnóstico preciso da situação, em que sejam consideradas variáveis ambientais, socioeconômicas, familiares e comportamentais relacionadas a todos os alunos envolvidos em *bullying*.

Este trabalho visa conhecer a prevalência de *bullying* e fatores de risco associados a este comportamento no ambiente de uma escola pública de ensino médio de Sorocaba, SP.

MÉTODOS

Estudo transversal do qual participaram 47 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 14 e 17 anos, matriculados em escola pública do município de Sorocaba, do primeiro ao terceiro ano do ensino médio.

Os adolescentes foram sorteados aleatoriamente durante o segundo semestre de 2011. Todos os participantes devolveram o termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelos próprios alunos e por seus responsáveis. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Sorocaba, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

Os adolescentes responderam um questionário padronizado e pré-codificado, previamente testado,⁷ elaborado por Freire *et al.* para a população portuguesa, tendo sido adaptado para a linguagem corrente no país. Os questionários foram entregues individualmente aos alunos, juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido, em duas vias. Os alunos

foram orientados a responder aos questionários individualmente e informados sobre a confidencialidade das respostas. Para evitar identificação dos entrevistados, os questionários respondidos foram depositados em uma caixa, colocada na sala da coordenadoria dentro das dependências da escola, sendo aberta após o término das entregas de todos os questionários.

O questionário ficou subdividido em quatro partes, sendo que a primeira visava a identificação do perfil do entrevistado, a segunda apresentava questões sobre ser maltratado por outro na escola, a terceira apresentava teor relacionado aos maus tratos que os alunos haviam presenciado na escola desde o ano anterior e, por último, as questões estavam relacionadas a maltratar outros colegas na escola. O tipo de vitimização foi classificado em verbal e físico.

Os testes estatísticos usados, de acordo com as variáveis independentes estudadas, foram o teste de Mann-Whitney e qui-quadrado. Adotou-se o nível de significância de 5%. As análises foram realizadas com o pacote estatístico SPSS for Windows^{® 8}.

RESULTADOS

Participaram do estudo 47 adolescentes com idade média de $15,6 \pm 0,9$ anos. A média de idade das meninas foi de $15,5 \pm 0,7$ e dos meninos de $15,6 \pm 0,9$ anos ($p > 0,05$).

A escolaridade dos pais foi investigada, sendo que 51,1% dos pais terminaram o ensino médio, enquanto 40,4% das mães o fizeram. A maioria dos pais dos alunos é casada (66,0%). A distribuição dos alunos conforme a série escolar encontra-se na figura 1.

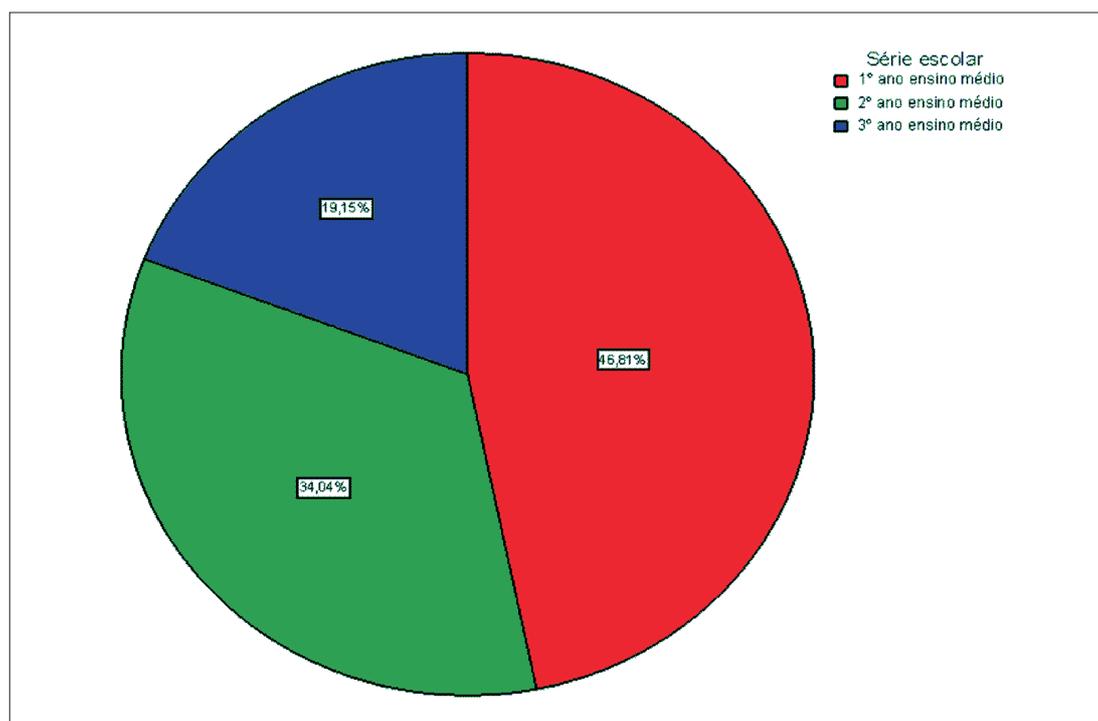


Figura 1. Distribuição dos entrevistados conforme série escolar

Com relação aos itens referentes ao entrevistado ser vítima de *bullying*, encontrou-se um percentual de 12,8% de alguma forma de agressão verbal e 8,5% de agressão física. Tanto meninos como meninas foram alvo de agressão, sem diferença estatística ($p > 0,05$). A sala de aula e o recreio foram os locais em que ocorreram tais agressões. Quando questionados sobre qual a reação das pessoas ao presenciarem a agressão, a maioria das

respostas (42,8%) foi de que não fizeram nada a respeito. Cerca de 28% dos entrevistados referiram que já foram testemunhas de alguma forma de agressão verbal entre os alunos da escola e 17% relataram presenciarem agressão física. A figura 2 demonstra os locais em que os alunos testemunharam alguma forma de agressão.

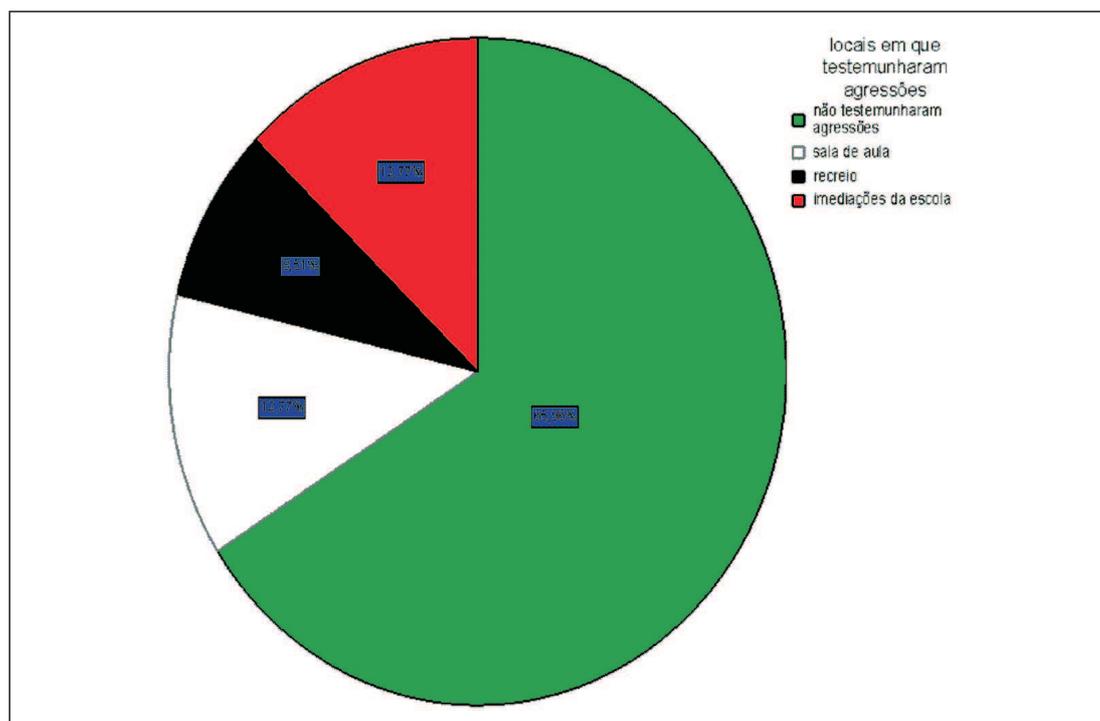


Figura 2. Percentual dos locais em que presenciaram alguma forma de agressão física ou verbal na escola

Com relação aos itens referentes ao entrevistado ser o agressor, encontrou-se um percentual de 19,1% de alguma forma de agressão verbal e 2,1% de agressão física. Todos os agressores eram do sexo masculino. A sala de aula, recreio, corredores e imediações da escola foram os locais em que ocorreram tais agressões. Na grande maioria das vezes, o perfil do agredido era um colega do sexo masculino, da mesma idade e da mesma turma do agressor. Em mais da metade dos casos (52%), ninguém presenciou o ocorrido. Quando questionados sobre qual a reação das pessoas ao presenciarem a agressão, a maioria das respostas (75%) foi de que não fizeram nada a respeito. Um dado alarmante foi de que 100% dos agressores referiram que não foram castigados pelos seus atos.

As razões apontadas para este comportamento agressivo foram: brincadeira (8,5%), vingança (4,3%), desprezo (2,1%), reação a provocações (2,1%) e irritabilidade (2,1%). A maioria dos agressores respondeu que não gostaria de mudar seu comportamento. Com relação ao sentimento pela vítima: “nada” (12,8%), “raiva” (6,1%) e “pena” (6,1%) foram os mais assinalados pelos agressores.

DISCUSSÃO

Este estudo demonstrou importante percentual de *bullying* entre adolescentes de uma escola pública de ensino médio. Nossos resultados apontaram também que cerca de dois

em cada dez adolescentes referiram serem agressores, sendo todos do sexo masculino. Ainda mais preocupante foi a constatação de que não houve nenhum tipo de penalidade para os atos de nenhum dos agressores.

A prevalência de 12,8% de entrevistados como vítimas de *bullying* de intimidação verbal é a mesma encontrada em trabalho publicado em 2009, na cidade de Presidente Prudente.⁶

Nos estudos pioneiros de Olweus,⁹ em torno de 15% dos estudantes suecos estavam envolvidos como vítimas ou provocadores de *bullying*. Um outro estudo realizado na cidade de Pelotas, com 1.075 escolares de ensino fundamental, revelou que 17,6% dos estudantes sofreram *bullying*.¹⁰

Em relação ao tipo de *bullying*, o verbal foi o mais prevalente. A utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram a determinada característica física ou étnica da vítima pode explicar o predomínio deste tipo de agressão. Este achado está de acordo com outros estudos em que a forma verbal foi a mais prevalente.^{11,12}

As vítimas de *bullying* costumam ser quietas, retraídas e inseguras, não têm muitas amizades em seu círculo social e não costumam ter recursos para reagir às agressões,⁶ o que as torna cada vez mais vulneráveis a elas. Na maior parte das vezes, não recebem apoio dos pais, professores e colegas de classe, e sua autoestima pode ser ainda mais prejudicada por críticas recebidas dos adultos sobre seu comportamento, agravando o conceito negativo que têm de si mesmas.³

Interessante observar que cerca de 28% dos entrevistados em nosso estudo referiram que já foram testemunhas de alguma forma de agressão verbal entre os alunos da escola, e 17% relataram presenciarem agressão física. Isto sugere que talvez os verdadeiros percentuais de *bullying* possam ser maiores que os encontrados, e que o medo de se autodenominarem “agressores” ou “vítimas” faz com que não respondam com sinceridade às questões propostas.

Quase 20% dos entrevistados referiram serem agressores verbais na escola. Estudo de Pizarro,¹³ em 2007, apontou que as cifras de agressores podem variar entre 5% e 30%. Em nosso estudo, 100% dos agressores eram do sexo masculino, o que é semelhante aos estudos que apontam predominância do sexo masculino.^{3,14} Os agressores ou autores de *bullying* costumam ser populares entre seus pares, podendo inclusive liderar grupos que auxiliam nas agressões.³ Em sua maior parte, possuem um perfil hiperativo, impulsivo e agressivo, mesmo com os adultos.

De acordo com Lopes Neto,³ 20% dos autores também sofrem *bullying* quando são chamados de alvos/autores. Este comportamento é geralmente atribuído a uma reação agressiva à provocação sofrida, mas pode também ser reflexo de exposição à violência em casa. Adolescentes com esta postura apresentam prováveis alterações psicológicas, podendo ser depressivos, inseguros e inoportunos, além de impopulares entre seus pares. Além disso, apresentam mais queixas de sintomas físicos e psicológicos, incluindo depressão, e maiores índices de abuso de substâncias psicotrópicas, mesmo em comparação com adolescentes que são apenas vítimas.

Em nosso estudo constatamos que, na maioria das vezes, ninguém presenciou o ato de agressão. Isto é similar aos achados de outros estudos, que referem que a maior parte dos atos de *bullying* ocorre quando adultos responsáveis não estão por perto, portanto, estes não se encontram em posição privilegiada para identificar agressores e vítimas e atuar de forma eficiente contra a prevalência das agressões.³ Dessa forma, pais e professores tendem a subestimar a existência do *bullying*. Como as vítimas, seja por medo ou vergonha, não costumam denunciar os maus tratos espontaneamente, e as testemunhas sentem-se oprimidas, o *bullying* permanece e poucas ações são efetuadas para combatê-lo. No geral, as respostas mais lembradas pelos participantes da nossa pesquisa foram as salas de aula, os recreios, as escadas e as imediações da escola como os lugares em que já ocorreram atos de *bullying*. Salienta-se que nos pátios e nas salas de aula, por mais que haja funcionários e professores, o *bullying* ocorre de forma camuflada em várias situações, o que dificulta intervenções, principalmente quando o profissional em questão naturaliza tais situações.

Em seus estudos, Fante¹⁵ constatou que as condutas de *bullying* foram praticadas com maior intensidade nas salas de aula. Entretanto, Pereira¹⁶ debruçou suas atenções para os momentos de recreio, visto a alta intensidade com que o *bullying* se manifestava nesses lugares nas escolas portuguesas. Vale ainda apontar que Pizarro e Jiménez¹³ identificaram o próprio bairro como local de maior incidência, seguido por ambientes do espaço escolar. Um dado alarmante foi o fato de que os agressores, em 100% dos casos, não receberam qualquer tipo de penalidade por seus atos.

O *bullying* pode ser precursor de transtornos de personalidade antissocial e outros comportamentos violentos tanto na adolescência como também na vida adulta.³ É preciso reavaliar as políticas educacionais e verificar se programas de intervenção precoce podem atuar como protetores de futuros comportamentos de risco.

Algumas limitações deste estudo devem ser consideradas. A natureza transversal dos dados não permite estabelecer associação causal entre as variáveis. Outra limitação é a utilização de questionário, que confere caráter subjetivo ao estudo. Muitas vezes, o medo de uma possível penalidade pela escola, mesmo explicado o anonimato da pesquisa, pode atrapalhar os resultados da pesquisa. Convém salientar, também, que diante de todas as suas limitações, este estudo não teve a pretensão de esgotar as discussões sobre o *bullying*, e sim de contribuir para dar-lhe visibilidade no meio dos profissionais de saúde e escolar, bem como auxiliar na elaboração de projetos que se voltem ao enfrentamento do *bullying*.

Mascarenhas¹⁷ explica em seu trabalho que tais projetos devem envolver professores, funcionários, pais e alunos, de modo que a participação de todos assegure estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. Tais ações visam promover vivências, debates e conscientização geral, além de explicitar valores fundamentais de respeito mútuo, solidariedade e diálogo, durante todos os momentos da vida escolar. Vale apontar que cada escola deve ser vista como única, e que as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população.

CONCLUSÃO

Nosso estudo demonstrou importante percentual de *bullying* entre adolescentes de uma escola pública de ensino médio. Nossos resultados apontaram também que cerca de dois em cada dez adolescentes referiram serem agressores, todos do sexo masculino. Ainda mais preocupante foi a constatação de que nenhum dos agressores teve qualquer tipo de penalidade pelos seus atos. Estes achados podem ser úteis para políticas locais de intervenção e fonte de hipóteses para futuros estudos.

Agradecimentos

Aos alunos e seus responsáveis por concordarem em participar deste estudo científico.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

1. Analitis F, Velderman MK, Ravens-Sieberer U, Detmar S, Erhart M, Herdman M, et al. Being bullied: associated factors in children and adolescents 8 to 18 years old in 11 European countries. *Pediatrics*. 2009; 23(2):569-77.
2. Fuentes MCP, Linares JGG. Variables relacionadas con la conducta violenta en la escuela según los estudiantes. *Int J Psychol Psychol Ther*. 2010; 10(3):427-37.
3. Lopes Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *JPediatr*. 2005; 81(5):164-72.
4. Sourander A, Ronning J, Brunstein-Klomek A, Gyllenber D, Kumpulainen K, Niemela S, et al. Childhood bullying behavior and later psychiatric hospital and psychopharmacologic treatment. *Arch Gen Psychiatr*. 2009; 66(9):1005-12.
5. Carvalho SF, Lima L, Matos MG. Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Anál Psicol*. 2001; 19(4):523-37.
6. Francisco MV, Libório RMC. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicol Reflex Crit*. 2009; 22(2):200-7.
7. Freire IP, Simão AMV, Ferreira AS. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a

- população escolar portuguesa. Rev Port Educ. 2006; 19(2):157-83.
8. SPSS for Windows, release 12.0.0 [computer program]. Chicago: SPSS; 2003.
 9. Olweus D. Bullying at school: what we know and what we can do. Oxford: Blackwell; 1993.
 10. Moura DR, Cruz ACN, Quevedo LA. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. J Pediatr. 2011; 87(1):19-23.
 11. Wang J, Iannotti RJ, Nansel TR. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. J Adolesc Health. 2009; 45:368-75.
 12. Beaty LA, Alexeyev EB. The problem of school bullies: what the research tell us. Adolescence. 2008; 43:1-11.
 13. Pizzaro HC, Jimenez MI. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. Rev Educ. 2007; 31(1):135-44.
 14. Garcia CX, Gimenez AP, Adell N. Factors related to bullying in adolescents in Barcelona (Spain). Gac Sanit. 2010; 24:103-8.
 15. Fante CAZ. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus; 2005.
 16. Pereira BO. Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Imprensa Portuguesa; 2002.
 17. Mascarenhas S. Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil. Psicol Saúde Doenç. 2006; 7(1):95-107.

“Quanto menos entendemos, mais julgamos”
Mia Couto. E se Obama fosse africano?